

Os italianos e a Casa d' Italia de Juiz de Fora

Italians and Casa d' Italia

Valéria Leão Ferenzini*

Artigo recebido e aprovado em outubro de 2008

Resumo:

O artigo busca mostrar o reflexo no Brasil, das estratégias implementadas pelo governo fascista da Itália para influenciar o cotidiano dos italianos residentes em outros países. Para isso analisa a construção da Casa d' Italia de Juiz de Fora como uma das maiores demonstrações da sintonia de uma parte da colônia italiana local com o regime de Mussolini. A partir desse fato, abordamos o esforço do fascismo para reforçar o vínculo dos italianos emigrados com sua terra de origem visando a ampliação de adeptos para o regime.

Palavras-chave:

Imigração Italiana; Fascismo; Casa d' Italia.

Abstract:

The article aims to show the reflexes in Brazil of the strategies implemented by the fascist government in Italy to influence the everyday lives of Italians residing in other countries. To do so it analyses the construction of the Casa d'Italia in Juiz de Fora as one of the greatest demonstrations of sintony of part of the local colony with Mussolini's regimen. Based on this fact, we deal with the effort made by the fascism to reinforce the linkage of emigrated Italians with their original land aiming to the increase of followers of the regimen.

* Doutoranda em História Social e Mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora de imigração italiana e alemã em Juiz de Fora, com vários trabalhos voltados para a análise da religiosidade e também as relações dos imigrantes com o fascismo e nazismo. Estas temáticas têm resultado em: organização de exposições, apresentações em congressos e artigos publicados. Neste momento encontra-se no prelo a nossa dissertação: *A "Questão São Roque": Devoção e Conflito – Imigrantes Italianos e Igreja Católica em Juiz de Fora*, aprovada para publicação pela Lei Murilo Mendes 2007 (lei municipal de incentivo à cultura).

Italian Immigration; Fascism; Casa d'Italia.

Durante a ascensão do fascismo na Itália, a vinculação dos imigrantes italianos com a terra de origem ganhou maior intensidade por uma série de motivos. Primeiramente, devido ao fato de que apesar do regionalismo característico desses imigrantes, no Brasil, a elaboração da identidade étnica foi marcada de forma quase absoluta por valores nacionais. Devido à condição de estrangeiros, as diferenças regionais praticamente desapareceram, o regionalismo perdeu sua importância como critério de definição do grupo étnico, prevalecendo a construção de uma identidade de oposição aos brasileiros.¹

A identidade étnica, embasada na ideia de “italianidade”, surgiu no confronto entre imigrantes e a população brasileira. Além disso, o fluxo constante de imigrantes para o Brasil, até o final da década de vinte, do século XX, possibilitou a manutenção de elos com a pátria de origem e a reafirmação contínua dos valores étnicos.² Esta identidade étnica baseava-se em fatores de pertencimento, como: a língua, a cultura de origem, a nacionalidade concebida como direito de sangue, a filiação a instituições comunitárias e a religiosidade. Até a década de 1940, as escolas, igrejas, imprensa e associações, também tiveram o papel de preservar os grupos étnicos.³

Principalmente nos anos vinte e trinta, o fascismo se utilizou dessas instituições, implantando uma série de estratégias de penetração no cotidiano das colônias de imigrantes espalhadas pelo mundo. Nesse momento, a Itália e o regime de Mussolini desfrutavam de um grande prestígio junto à opinião pública internacional, resultando em grande orgulho e empolgação para os italianos e descendentes nos países atingidos pela grande emigração, especialmente naqueles em que os imigrantes enfrentaram condições de maior marginalização social.⁴

¹ SEYFERTH, Giralda. Imigração, colonização e identidade étnica. (Notas sobre a emergência da etnicidade em grupos de origem europeia no sul do Brasil.). *Revista de Antropologia*. v. 29. São Paulo: USP. 1986. p. 65.

² *Idem*, p. 59 e 60.

³ SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Editora UNB, 1990. p.86.

⁴ TRENTO, Ângelo. *Do Outro Lado do Atlântico: Um Século de Imigração Italiana no Brasil*. Instituto Italiano di Cultura di San Paulo - Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro. s.ed. São Paulo: Nobel, 1989. p.302.

Angelo Trento é um dos pesquisadores que mais aprofunda a análise das relações entre o fascismo e a colônia italiana. Para ele, o fascismo exerceu fascínio sobre os imigrantes italianos do mundo inteiro. A crença de que a Itália havia alcançado vigor e credibilidade, atingiu ainda que de forma diferenciada, os diversos estratos sociais: colonos isolados, impossibilitados de análise crítica, de reação e aprofundamento; o proletariado urbano também foi conquistado pelo fascismo, ainda que, a maior parte, superficialmente; e, a burguesia e a classe média participaram com uma adesão mais ampla.⁵

Com intuito de reforçar sua legitimidade, o novo governo italiano também se preocupou em conquistar os italianos fora da Itália. Após a ascensão ao poder, Mussolini telegrafou aos italianos da América, demonstrando a importância dos mesmos junto ao novo governo⁶. Não interessava à Itália a completa absorção, nem a naturalização do emigrado, pois segundo um embaixador italiano, isto seria desfavorável às “remessas de fundos à pátria”. Portanto, para manter as remessas, era importante preservar os vínculos dos emigrados com a terra de origem.⁷

Para atingir o objetivo de influenciar as colônias italianas no exterior, foram adotados vários mecanismos e estratégias de intervenção como: escolas, livros didáticos, cadernos escolares, colônias de férias; *Opera Nazionale Dopolavoro*, para socializar as classes populares; Institutos Ítalo-Brasileiros de Alta Cultura; criação de representações do Partido Nacional Fascista (PNF); incentivo a manifestações populares e patrióticas em favor da Itália fascista; expurgo do corpo diplomático e ocupação dos cargos por cônsules fascistas; adesão da imprensa na década de vinte; e fundação das Casas da Itália, na década de trinta.

Uma das primeiras e grandes preocupações do regime estava centrada na criação de representações do Partido Nacional Fascista (PNF). Assim, em 1923 foi criada a Secretaria Geral dos *Fasci* no Exterior, possuindo um órgão de imprensa próprio, *I Fasci Italiani All' Estero*, que em 1925, passou a ser *Il Legionário*. Devido à postura muitas vezes agressiva dos representantes dos *Fasci*, foi promulgado em 1928, um novo estatuto dos *Fasci* no Exterior, limitando-os a funções assistenciais e educativas, realizadas com fundos da própria colônia. Tam-

⁵ *Idem*, p. 302 e 303.

⁶ RIOS, José Arthur. Aspectos políticos da Assimilação do Italiano no Brasil. . s. ed. São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, [19]. 75 p. (publicações avulsas da *Revista de Sociologia*, 4). p. 54.

⁷ IANNI, Constantino. *Homens sem paz: os conflitos e os bastidores da imigração italiana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A. 1972. *Op. cit.*, p. 116 e 117.

bém eram realizadas atividades de ginástica e exercícios para-militares com os jovens.⁸

Com relação ao *Fascio* de Juiz de Fora, ainda não encontramos informações sobre sua inauguração, funcionamento, atuação, o número de inscritos, ou as pessoas ligadas a ele. O fato é que existia uma sala do *Fascio* no prédio da *Casa d' Italia*, inaugurada em 1939, e que anteriormente ele funcionava no segundo andar da Sociedade Umberto I.⁹ E segundo Ângelo Trento, o *Fascio* de Juiz de Fora, possuía 130 inscritos.¹⁰

Durante a década de trinta, a colônia italiana de Juiz de Fora parece ter experimentado um momento de apogeu e de euforia, pois as comemorações eram freqüentes, bem como as recepções a autoridades e a outras personalidades italianas de destaque. Além do fato de que a colônia, a Itália e Mussolini estavam sempre em evidência na imprensa local.

Nos vários exemplares do *Jornal Diário Mercantil*, dos anos trinta, é possível acompanhar um pouco da seqüência de manifestações da colônia de Juiz de Fora. Como por exemplo, em 1930, as grandes comemorações pela chegada do novo vice-cônsul da Itália em Juiz de Fora. Em agosto de 1931, as comemorações pela primeira marcha sobre Roma; e em dezembro de 1931, a recepção a um alto funcionário do Ministério das Relações Exteriores da Itália, Piero Parini, Diretor Geral dos Italianos no Exterior. Já em 1932, houve uma grande comemoração para o aniversário do fascismo; e também foi fundada a *Societade Dante Alighieri*. Em 1933, a recepção ao cônsul de Belo Horizonte. Em 1934, novamente a festejada marcha sobre Roma. E em 1936, as comemorações pela invasão da Etiópia.

O fascismo obteve grande sucesso entre os notáveis da colônia, como o caso de Matarazzo e Crespi, em São Paulo.¹¹ Em Juiz de Fora, um dos nomes mais representativos é o de Pantaleone Arcuri, um dos maiores destaques da colônia italiana local, e talvez o mais bem sucedido economicamente. Pantaleone participava de várias associações beneficentes – tendo presidido a Sociedade Beneficente Dante Alighieri – e era sempre um dos primeiros a assinar as listas de contribuições

⁸ TRENTO. *Op. cit.* p. 321, 341 e 342.

⁹ *Jornal Diário Mercantil*. A 1ª Marcha Sobre Roma - Brillhante Festa Comemorativa no Fascio Local. Juiz de Fora, 27/08/1931, terça, p.1. Arquivo Histórico da Prefeitura de Juiz de Fora.

¹⁰ TRENTO. *Op. cit.*, p. 311 e 313.

¹¹ *Idem*, p. 323.

filantrópicas.¹² Por ocasião da construção da *Casa d' Italia*, sua participação foi uma das mais significativas, envolvendo uma alta quantia de doação pessoal, e uma contribuição de sua empreiteira a Companhia Industrial e Construtora “Pantaleone Arcuri” que abriu mão do pagamento referente a uma parte da construção do prédio.¹³

Mantendo contato constante com a Itália e suas autoridades diplomáticas, sempre foi um importante mediador no sentido de encaminhar negócios comuns entre os dois países, e “*para prestar assistência aos patrícios que aqui aportavam*”. Manteve sempre ótimas relações com o vice-cônsul, o cônsul em Minas e também com o embaixador, inclusive durante o fascismo. Nesse período foi condecorado com o título de Cavaleiro Oficial da Coroa (1931), e a insígnia de Comendador (1939). Além disto, por duas vezes recusou a oportunidade de ser representante do governo italiano em Juiz de Fora.¹⁴

Sua simpatia pelo fascismo fica clara não só por seu empenho em relação à construção da *Casa d' Italia*, mas também pelo registro do Sr. Reginaldo Arcuri (filho) e do Sr. Tiso Arcuri (neto), no texto do Processo de Tombamento da *Casa d' Itália*, de 1984. Segundo o depoimento, durante o governo de Mussolini, Pantaleone voltava da Itália encantado com os aspectos de ordem, progresso, e disciplina. Ele considerava Mussolini um herói por estar arrumando a Itália, já que antes era uma baderna, não havendo prosperidade.¹⁵

A construção das “Casas da Italia”, na década de trinta, também atendia a diretrizes provenientes de Roma, cujo objetivo era tentar ampliar o controle sobre as associações das colônias, além de criar um espaço para a celebração das datas do regime.¹⁶ Atendendo a tais objetivos, foi construída a *Casa d' Italia* de Juiz de Fora, a partir de um projeto de grandes proporções, que contou com contribuições financeiras de grande parte da colônia local. O prédio foi concebido como um centro de convivência para ítalo-brasileiros, quando a colônia foi tomada por um clima patriótico, decorrente da empolgação com a projeção da Itália sob o regime de Mussolini.¹⁷

¹² OLIVEIRA, Paulino de. *Pantaleone Arcuri e Juiz de Fora*. Juiz de Fora: 1959. p. 40.

¹³ Processo de Tombamento da Casa d' Itália. Arquivo da Divisão de Comunicação da Secretaria Municipal da Prefeitura de Juiz de Fora. Fundo IPLAN (Instituto de Pesquisa e Planejamento). Processo nr. 6372/84, assinado por Luiz Alberto do Prado Passaglia, 31/05/1985. p. 91.

¹⁴ OLIVEIRA, Paulino de. *Op.cit.*, p. 63 e 64.

¹⁵ Processo de Tombamento da Casa d' Itália. *Op. cit* p. 85.

¹⁶ TRENTO, *Op. cit.*, p. 333 e 345.

¹⁷ Processo de Tombamento da Casa d' Itália. *Op. cit.*, p. 88.

O terreno foi adquirido em 11 de outubro de 1933, e a inauguração da *Casa* ocorreu em 05 de novembro de 1939, a partir da colaboração financeira de vários membros da colônia¹⁸ e de grandes mobilizações por parte da Sociedade Umberto I, que liderou as reuniões, abriu subscrições e participou com grandes doações¹⁹, chegando a vender sua sede para investir o dinheiro na construção da Casa.²⁰ Além disto, ela também encabeçou as negociações, junto com o vice-cônsul italiano, no sentido de que o terreno fosse adquirido em nome do governo italiano.²¹

A Companhia Industrial e Construtora “Pantaleone Arcuri” assumiu a construção do prédio, cujo Contrato de Empreitada foi assinado pelo Conselho de Direção da Casa: vice-cônsul Dr. Amatore De Giacomo; o secretário do *Fascio* prof. Constantino Magliulo; o presidente da Sociedade Umberto Primo, Antonio Passarela; o vice-presidente da “*Dante Alighieri*”, Vincenzo Nardelli; o Presidente da Sociedade de Combatentes, advogado Emilio Camodeca; o vice-presidente da sociedade *Dopolavoro*, engenheiro Miguel Sirimarco.²²

O caráter de sociedade italiana, estrangeira, em contraste com o crescente nacionalismo que assolava o Brasil, fica evidente também em outras partes dos Estatutos. Assim, outros Artigos também definiam o seguinte: que poderiam ser sócios da *Casa d'Italia* todas as Sociedades italianas, ou com fins de italianidade, que já existissem ou viessem a existir na cidade.²³

A *Casa d'Italia* serviria à comunidade no que se refere a: instrução, escola, biblioteca, hospital, beneficência, lazer e esporte.²⁴ Para atender a esta gama de atividades, o prédio foi construído com dois andares e um amplo sub-solo, abrigando em seu conjunto o seguinte: no pavimento térreo, ladeando o corredor central estavam a sala do vice-cônsul, um Museu, a sala da Diretoria da Escola, e a sala do *Fascio*. No pavimento superior, estavam o hall de entrada para o amplo salão-auditório, bar, biblioteca, sala de jogos e sala de palestras. No térreo

¹⁸ *Idem*, p. 91 e 94.

¹⁹ BASTOS, Wilson de Lima. Italianos em Juiz de Fora. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora*. V. 5, dez. 1969, p. 50.

²⁰ Processo de Tombamento da Casa d'Itália. *Op. cit* p. 91 e 92.

²¹ Memorial da Società Italiana di Mutuo Socorso e Beneficenza Umberto I. Juiz de Fora, jun. 1951. Assinado pelo presidente Felício Ciuffo, p. 1. Arquivo Histórico da Casa d'Itália.

²² Processo de Tombamento da Casa d'Itália. *Op. cit* p. 66.

²³ DOPS. Estatutos da Sociedade *Casa D'Itália*. Pasta 4703, Imagem, 209, p. 1 e 2. Arquivo Público Mineiro.

²⁴ Processo de Tombamento da Casa d'Itália. *Op. cit* p. 87.

ficavam as salas de aula; e no sub-solo, a sala do médico, refeitório e sala de ginástica, dentre outras.²⁵

O projeto de construção foi de autoria de Raphael Arcuri²⁶, filho mais velho de Pantaleone Arcuri, que estudou arquitetura em Nápoles.²⁷ O projeto de Raphael para a Casa d'Itália também atendia a uma simbologia estética fascista²⁸, contando inclusive com a presença do símbolo estilizado do *fascio* no alto da fachada, nas grades do portão de entrada, e também nos tacos do piso do salão. É interessante observar que o detalhe do *fascio* sobreviveu à repressão nacionalista, e à ocupação da Casa pelos militares, estando presente até hoje.²⁹

Uma grande programação foi preparada para a inauguração da *Casa d'Itália*, que teve como marco inicial, a chegada do Embaixador italiano Ugo Sola, no dia 4 de novembro de 1939. Nessa ocasião, o representante diplomático foi recepcionado por várias autoridades civis e militares, dentre elas o prefeito, Raphael Cirigliano e o delegado da Ordem Política e Social, Luiz Alves Valadão – que a partir do Estado Novo passa a ser uma das figuras mais presentes em todos os eventos da cidade.³⁰

A inauguração oficial da *Casa d'Italia*, com a presença do Embaixador Ugo Sola, “considerado hospede oficial da Prefeitura Municipal”, ocorreu no dia 5 de novembro de 1939, em meio a uma grande programação,³¹ e com a presença de várias personalidades representativas da sociedade local, como: o prefeito Raphael Cirigliano, o major Ernesto Dornelles, Chefe da Polícia de Minas Gerais e o ex-prefeito de Juiz de Fora, Eduardo de Menezes Filho.³²

A partir da inauguração do prédio, a colônia passou a contar com seu próprio espaço para apresentações artísticas e culturais e, já no dia 07 de novembro de 1939 realizava-se um grande recital de harpa, “o recital Mme. Esther Jacobson, do Conservatório Mineiro da Música,

²⁵ Processo de Tombamento da Casa d'Itália. *Op. cit.* p. 87.

²⁶ *Tribuna de Minas*. Na berlinda dos interesses comerciais: o patrimônio cultural da colônia italiana em Juiz de Fora. Juiz de Fora, 03/05/84., p. 1. Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes.

²⁷ OLIVEIRA, Paulino de. *Op. cit.*, p. 77.

²⁸ Processo de Tombamento da Casa d'Itália. *Op. cit.* p. 87.

²⁹ FERENZINI, Valéria Leão. *A imigração italiana em Juiz de Fora e a Casa d'Italia*. Monografia de Bacharelado, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1993, p. 28.

³⁰ *Jornal Diário Mercantil*. Chega Hoje à Cidade o Embaixador Ugo Sola. 04/11/1939, p. 2, edição da tarde. Chega Hoje à Cidade o Embaixador Ugo Sola. Arquivo Histórico da Prefeitura de Juiz de Fora.

³¹ *Ibidem*.

³² *Diário Mercantil*. Brillhantes Festividades. 06/11/1939, p. 1 e 8, edição da manhã. Brillhantes Festividades. Arquivo Histórico da Prefeitura de Juiz de Fora.

com o concurso da senhorinha Alvaír Braga Esteves”. Evento patrocinado por várias senhoras da sociedade local.³³

No interior da *Casa d’Italia* também funcionava a *Dopolavoro* – após o trabalho –, ou “*Opera Nazionale Dopolavoro*” (OND), uma entidade que tinha o objetivo de organizar as atividades recreativas e culturais dos trabalhadores, e tinha um papel fundamental na socialização das classes populares.³⁴ De maneira geral, as promoções das OND incluíam teatro amador, projeções de filmes atividades recreativas (tardes dançantes) e esportivas (basquete, futebol, bocha, excursões, ciclismo, motociclismo, atletismo).³⁵ Segundo Trento, desde 1923, começaram a ser produzidos e exibidos filmes propagandísticos – noticiários e documentários – que tinham o objetivo de divulgar as realizações do regime. Geralmente as projeções eram feitas pelos *Fasci* e pela OND em salas improvisadas ou no circuito cinematográfico.³⁶

Ainda que Juiz de Fora possuísse vários cinemas na década de trinta, a preocupação em ter uma infra-estrutura de exibição própria estava presente no empreendimento da *Casa d’Italia*. Pois seu salão-auditório estava equipado com uma cabine e máquina cinematográfica.³⁷ Segundo Dante Zanzoni: ... “aos domingos havia uma sessão cinematográfica. Enquanto enrolava o filme, etc., tinha sessão de canto...”³⁸

A *Casa d’Italia* incentivava não só o cinema, mas também o teatro, já que possuía um salão-auditório – equipado com 429 cadeiras –,³⁹ um palco com instalações, cenários, tablado, “material de movimento”, camarim, fantasias, e uniformes para representações escolares.⁴⁰ Nas décadas de sessenta e setenta, este palco – com as dimensões necessárias para espetáculos de médio porte – foi usado por grupos de teatro da cidade, e abrigou, por algum tempo, o Teatro da *Casa d’Itália* e o Teatro de Comédia Independente.⁴¹

A *Casa d’Itália*, de Juiz de Fora, também criou o Instituto Ítalo-Brasileiro de Alta Cultura, inaugurado no dia 13 de julho de 1940, no

³³ *Diário Mercantil*. Grande recital de harpa. 07/11/1939, p. 3, edição da manhã. Arquivo Histórico da Prefeitura de Juiz de Fora.

³⁴ TRENTO. *Op. cit.*, p. 323, 340, 341.

³⁵ *Idem*, p. 341.

³⁶ *Idem*, p. 339.

³⁷ DOPS. Ata de Entrega, 1942. Pasta 4703, Imagem, 99. Arquivo Público Mineiro.

³⁸ Processo de Tombamento da Casa d’Itália. *Op. cit.* p. 83.

³⁹ DOPS. Ata de Entrega, 1942. Pasta 4703, Imagem, 102. Arquivo Público Mineiro.

⁴⁰ *Idem*. Imagem, 99.

⁴¹ Processo de Tombamento da Casa d’Itália. *Op. cit.* p. 82.

salão do prédio.⁴² A criação do Instituto em Juiz de Fora – bem como a dos que o precederam, em São Paulo (1926) e no Rio de Janeiro (1933) –, era uma das medidas do fascismo para estreitar as relações culturais entre Itália e Brasil. O estatuto do Instituto propunha uma associação entre as universidades do Brasil e de Roma, com intercâmbio entre intelectuais brasileiros e italianos, e traduções de obras.⁴³

Já com relação às escolas, a interferência fascista teve como instrumentos, os livros didáticos e cadernos distribuídos nas escolas. Nesse sentido, Rios fala sobre livros italianos encontrados em escolas paulistas, em 1932, que eram distribuídos gratuitamente, e apresentavam conteúdo de propaganda fascista, como por exemplo: um garoto fazendo a saudação fascista e pedindo a Deus para torná-lo um *'buon italiano'*.⁴⁴ O mesmo acontecia com os cadernos escolares, que veiculavam propaganda fascista, e também eram distribuídos gratuitamente, e foram encontrados em São Paulo, por volta de 1934. Alguns deles traziam na capa a frase, *"Ho cambiato il cielo ma non il cuore"*.⁴⁵

Em Juiz de Fora, desde o século XIX, a Sociedade Umberto I manteve em suas dependências a Escola Umberto I. Na década de trinta, quando a Sociedade passou a funcionar na *Casa d' Itália*, a escola também se transferiu para lá, e teve um papel importante no sentido de manutenção do idioma, da cultura, e de estimular, nos filhos de italianos, o amor pela Itália.

Segundo o Sr. Dante Zanzoni, em 1933, a escola passou a ensinar também o português, e os alunos tinham duas horas de português e duas horas de italiano. Também ressalta que vinham professores da Itália para ensinar o idioma no Brasil. Nessa época, como estava numa faixa etária entre 9 e 12 anos, fase em que *'você aprende com muita facilidade tudo o que ensinam a você, e eu aprendi a falar italiano e falava até bem e participava das operetas'*. E acrescenta as seguintes observações.⁴⁶

Eles vinham, é um negócio interessante, eles despertavam na criança um amor pela Itália muito grande, maior do que o amor pelo Brasil. Os professores que vinham de lá já vinham preparados para isso, e então você se sentia na hora de você cantar um hino, por exemplo italian, você cantava com muito mais satisfação do que o hino brasileiro. Isto é errado,

⁴² Diário Mercantil. INSTITUTO ITALO-BRASILEIRO DE ALTA CULTURA. 13/07/1940, p. 3, edição da manhã. Arquivo Histórico da Prefeitura de Juiz de Fora.

⁴³ CERVO. *Op. cit.*, p. 140.

⁴⁴ RIOS. *Op. cit.*, p. 60 e 61.

⁴⁵ *Idem*, p. 61.

⁴⁶ Processo de Tombamento da Casa d' Itália. *Op. cit.* p. 86.

depois com o tempo é que eu vi que estava errado – nós somos brasileiros e não temos intenção nenhuma de voltar para a Itália, absolutamente.⁴⁷

Como podemos observar, a *Casa d' Italia* teve um grande significado para a comunidade que a ergueu, simbolizando não só a afirmação do regime fascista, como também da Itália e da coletividade italiana. No entanto, as medidas repressivas contra estrangeiros, que tiveram início a partir de 1937, tornaram-se mais radicais, a partir de 1942, resultando no fechamento da *Casa d' Itália* – ocupada pelo Círculo Militar – e na desativação da Escola Umberto I –, substituída pelo Grupo Escolar Duque de Caxias.⁴⁸

Este fechamento representou uma experiência traumática para a comunidade italiana e para seus descendentes. Segundo o senhor Natale Chianelo, “a guerra provocou um hiato na história da Casa d' Itália e um murchamento nas atividades que vinham sendo realizadas pela entidade.”⁴⁹

Outro depoimento que ilustra bem a importância do espaço para a comunidade e o baque causado pela interrupção é o do Sr. Dante Zanzoni:

Era uma segunda casa. Você trabalhava de dia e à noite ia para lá. Isso era infalível, toda noite, inclusive aos domingos que havia uma sessão cinematográfica. Enquanto enrolava o filme, etc, tinha sessão de canto. /.../ Isto era uma coisa gostosa, mas que foi assim de uma forma dramática, em 42 quando o Brasil rompeu relações com a Itália por causa da guerra, fecharam a Casa d' Itália acabou. E com esta fechada, para nós, para filhos de italianos, 17 anos houve esse hiato que foi uma coisa tremenda. Não houve mais aquele conagraçamento, não havia mais como se reunir.⁵⁰

Ainda que o período de funcionamento da *Casa d' Italia* tenha sido muito curto, as mobilizações e planejamentos em torno do empreendimento, o impacto do prédio construído, e a amplitude de suas atividades, deixaram marcas profundas nos que viveram aqueles tempos. Para os italianos e descendentes, a década de trinta foi particularmente contraditória: de um lado, as simpatias recíprocas entre Brasil e Itália, favoreceram a interferência do fascismo na vida dos italianos no

⁴⁷ *Idem. Op. cit.* p. 86.

⁴⁸ Diário Mercantil (recorte). Despejado da Casa d' Itália o Grupo Escolar Duque de Caxias. Juiz de Fora, 29/01/1953, p. 1. Fundo Sociedade Beneficente Umberto I. Arquivo Histórico da Casa d' Itália.

⁴⁹ *Jornal Tribuna de Minas*. Na Berlinda dos Interesses Comerciais, o Patrimônio da Colônia Italiana em Juiz de Fora. Juiz de Fora, 03/05/84, p. 1. Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes.

⁵⁰ Processo de Tombamento da Casa d' Itália. *Op. cit.* p. 83.

exterior, reforçando os vínculos dos mesmos com suas origens; de outro, o nacionalismo de Vargas, durante o Estado Novo, impôs inúmeras restrições aos italianos e descendentes. Neste contexto, a proibição do idioma e o fechamento de instituições, são apenas alguns exemplos das inúmeras violências que atingiram italianos e outros grupos de estrangeiros no Brasil, naquele período.

Os italianos e a
Casa d' Italia de Juiz
de Fora